

MEMÓRIA ■ Governador visita prédio de madeira, criado em 1957 e transformado em museu

FOTOS DE ADILSON RIBEIRO

Faz 50 anos o hospital que JK criou para os pioneiros

Flávia Lima

O primeiro hospital de Brasília, feito de madeira como todas as outras construções provisórias da futura capital do país, completou ontem 50 anos. Chamado de Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi criado em 1957 para atender aos operários da construção da capital. Desde 1990, as edificações de madeira, uma das últimas referências arquitetônicas da época da construção, abrigam o Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC).

Ao lado do Museu do Catetinho, o antigo hospital é o que há de mais representativo na história da construção de Brasília. Mas, como outros museus e espaços culturais da cidade, passou anos relegado a segundo plano. Para o governador José Roberto Arruda, que visitou ontem o MVMC, a maioria das pessoas que mora em Brasília desconhece a história e importantes pontos turísticos da cidade.

— Somos herdeiros de uma história muito bonita. Os cidadãos foram contagiados pela força de um sonho. Vieram para o cerrado, construíram barracas de lona e de madeira e em três anos e meio fizeram Brasília — afirmou Arruda.

— A partir de Brasília, Juscelino Kubitschek redescobriu o país.

De acordo com o secretário adjunto de Cultura, Beto Sales, o Museu Vivo da Memória Candanga é um sítio histórico de Brasília e precisa passar por um processo de revitalização para que o legado histórico do lugar não se perca. Um

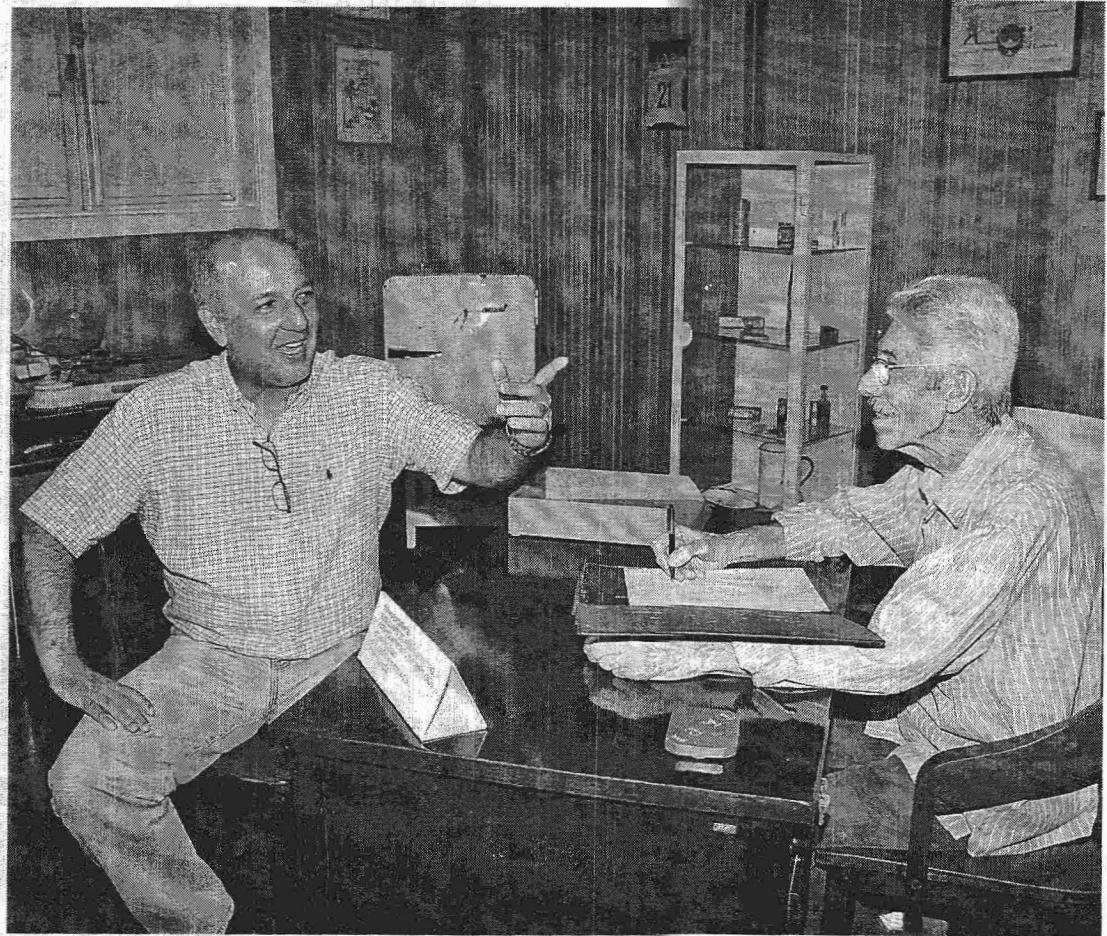
dos projetos que serão realizados no museu é a Casa do Brinquedo Popular, com quase duas mil peças representativas da diversidade artesanal do Brasil.

Além disso, o museu abrigará também um galpão onde será construído o Centro de Referência Artesanato e Arte Popular, onde artesãos de todo o Distrito Federal poderão apresentar e comercializar artesanato.

— É um projeto de inclusão social, para gerar renda e despertar interesse em tantos talentos que Brasília possui. Iremos retomar as oficinas que já foram realizadas aqui, como de artesanato, tecelagem e cerâmica — completou a diretora do MVMC, Luciana Ricardo, ao ressaltar que esses projetos devem fazer parte de um trabalho de educação patrimonial e de identidade cultural, para que as raízes históricas do museu sejam preservadas.

O museu está sob responsabilidade da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico (Depha) da Secretaria de Cultura. O diretor do órgão, José Carlos Coutinho, tem a história do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, conhecido por HJKO, na ponta da língua. Construído em apenas 60 dias, o antigo hospital se localizava entre os principais acampamentos de pioneiros, hoje Candangolândia, e a Cidade Livre, o Núcleo Bandeirante.

As edificações de madeira abrigavam ambulatório, centro cirúrgico, serviços gerais, administração, residências para médicos,



Arruda com o médico Edson Porto, no consultório original: brasilienses desconhecem a sua história

“O Centro de Referência de Artesanato e Arte Popular é um projeto de inclusão social, para gerar renda e despertar interesse.

Luciana Ricardo, diretora do museu

“O tombamento foi precedido de luta da comunidade. Se não fosse isso, hoje o Museu Vivo da História Candanga não existiria

José Carlos Coutinho, diretor de Patrimônio

funcionários e alojamentos. O hospital funcionava 24 horas por dia, e possuía equipamentos modernos para a época. Na época da inauguração, tinha 40 leitos. Seis meses depois, o número aumentou para 80.

O HJKO atendeu a todo vapor até 1968, data da inauguração do Hospital de Base de Brasília, para onde foram transferidos os atendimentos de emergência. Depois funcionou como posto de saúde até

1974. Ao redor do espaço do hospital, barracos foram construídos.

— Trata-se da primeira invasão de Brasília. Era uma população de cerca de 30 mil habitantes, muito grande — contou Coutinho. Para derrubar os barracos, foi formada a Comissão de Erradicação de Invasões (CEI). A população foi levada para outra região, que depois foi chamada de Ceilândia, CEI com lândia (terra).

Quando o hospital foi desativa-

do, em 1974, as construções de madeira começavam a ser destruídas em Brasília. Em 1983, o governo decidiu demolir as 23 edificações do hospital. A comunidade local protestou. Dois anos depois, o conjunto arquitetônico foi tombado pelo governo do Distrito Federal como patrimônio público.

— O tombamento foi precedido de luta da comunidade. Se não fosse isso, hoje o museu não existiria — afirmou Coutinho. — O Museu Vivo da História Candanga foi criado como projeto piloto de revitalização de espaços tombados.

O HJKO ficou de pé. Mas outras construções de madeira da antiga Cidade Livre foram destruídas. Para o diretor da Depha, elas eram o retrato de Brasília, do tempo em que as pessoas chegavam aqui cheias de esperança. — Mas a cidade começou a se modernizar e aí veio a cobiça e toda especulação imobiliária — lamentou.

dicamento no feijão servido no restaurante.

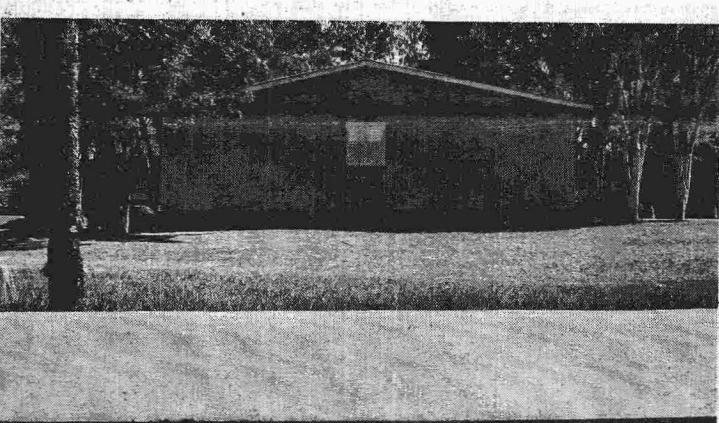
— Ele foi o primeiro sanitário de Brasília. Quem não tinha diarréia ficou com prisão de ventre — brincou o médico.

Para o primeiro médico de Brasília, a melhor lembrança do HJKO são os amigos e as serestas realizadas no final do dia. Todos os médicos e funcionários moravam bem ali, em casas de madeira próximas aos leitos do hospital. A proximidade uniu as famílias e os funcionários. E é também lembrada com saudade pela mulher de Edson Porto, Marilda. É dela uma das maiores que faz parte do acervo do museu.

— Na mala, trouxe muito amor pelo meu marido e muita ilusão. Afinal, eu tinha 18 anos e acabava de chegar a uma cidade ainda em construção — disse Marilda, que se casou com Edson Porto em 1958. Um ano antes, ainda noiva, conheceu pela primeira vez a terra onde mora até hoje.

Quando o HJKO foi desativado, o casal se mudou para a Asa Sul. Porto trabalhava na administração do Hospital de Base, tinha consultório próprio e fazia plantões em outros hospitais.

— Eu ralei muito — brincou, imitando a expressão usada pelos seus filhos. — Nunca tive medo de desafios. Precisamos ter peito para enfrentar a vida — disse ele, que quando se aposentou, há 10 anos, tratou apenas de curtir ainda mais a vida. Computador, photoshop e muitos instrumentos musicais são alguns dos seus prazeres preferidos. O maior vício, o cigarro.



HOSPITAL JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
O PRIMEIRO CONSTRUÍDO EM BRASÍLIA

Estrutura original do prédio: para tratar de operários e de engenheiros



José Carlos Coutinho, diante de foto de JK: população de 30 mil

■ Pacientes eram, em sua maioria, vítimas de acidente

O Museu Vivo da Memória Candanga recebeu ontem visitas do governador José Roberto Arruda, dos secretários de governo e da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura. Mas, entre tantas autoridades, era Edson Porto, de 75 anos, quem mais tinha histórias para contar. É ele o personagem principal da história do antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO).

Edson Porto foi o primeiro médico de Brasília. Em 1956, veio para o canteiro de obras da futura capital para cuidar da saúde dos operários e engenheiros. Antes mesmo do começo das obras, era ele o responsável pela avaliação médica dos funcionários que seriam contratados pela Novacap. Os exames médicos pré-admissionais eram realizados em um posto de saúde montado em Candangolândia.

A mudança para Brasília foi às pressas. Recém formado, Porto trabalhava em Goiânia. No início do período de construção da capital, cuidou sozinho de pacientes acidentados nas obras. Os casos mais graves eram levados de avião para Goiânia.

Quando o HJKO ficou pronto, foi Edson Porto o primeiro diretor. Lá, ficou até 1974, quando o hospital foi desativado. Nos primeiros seis meses de funcionamento, a equipe do hospital era formada por 12 médicos. As especialidades atendidas no hospital são lembradas

pelo médico: emergência, radiologia, laboratório, ortopedia, odontologia, pediatria, clínica médica, cirurgia e obstetrícia. O movimento maior era na emergência, devido ao grande número de acidentes na construção civil.

Histórias são muitas para contar. Uma delas é da festa de inauguração do hospital.

— É uma lembrança triste. Estava na festa e fui chamado com urgência na emergência do hospital. Era um caso de estupro no Núcleo

Remédio no feijão curou diarréia, mas causou prisão de ventre em todos os trabalhadores

Bandeirante, envolvendo uma menina de oito anos de idade — contou.

Mas Edson Porto dá risadas de um outro caso, também da época da construção de Brasília. A cidade em construção vivia dias de epidemia de diarréia. O médico, então, viajou para buscar medicamento em Goiás para tratar dos muitos pacientes que deixara em Brasília. Quando voltou, a epidemia se resumia a apenas alguns casos isolados. O dono do Saps, o primeiro restaurante da cidade, foi mais esperto e agiu antes. Colocou o me-